

5/6/98 10  
276

# Invasões crescem no mesmo ritmo da cidade

Marcello Xavier  
Da equipe do Correio

Taguatinga chega à idade da loba com 227,57 mil habitantes — 6,32 mil pessoas a mais que em 1996. Coração econômico do Distrito Federal, a cidade não pára de se expandir. E sofre de males como desemprego e crescimento urbano desordenado. Muitas são as áreas de moradias irregulares que tomaram conta da cidade nos últimos anos.

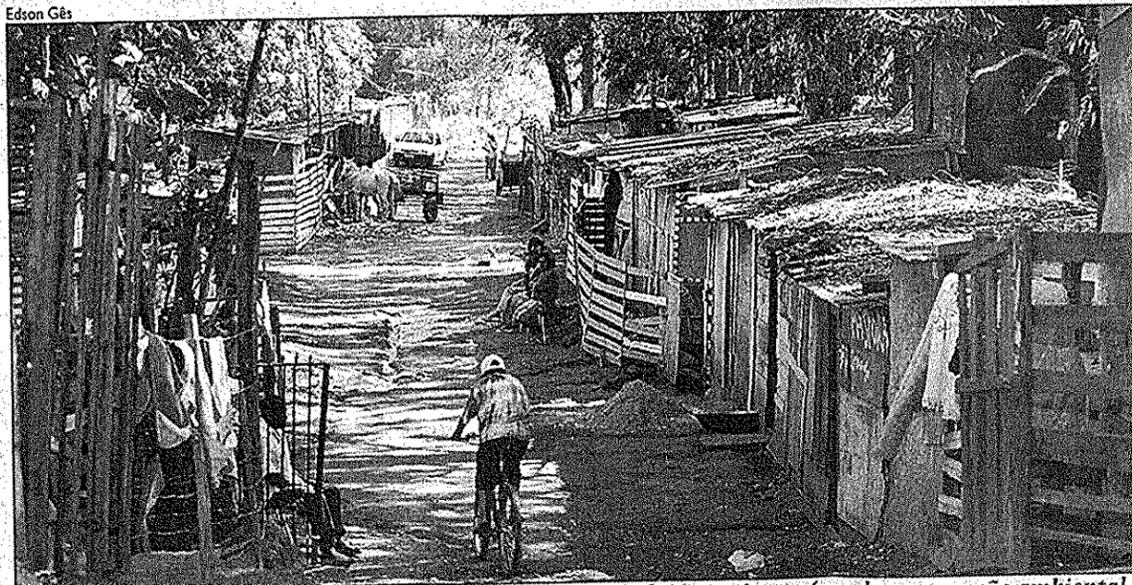
A Administração Regional de Taguatinga tem um levantamento feito pelo Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo) que aponta 17 ocupações irregulares na cidade. Algumas antigas como a Vila São José, que data de 1980, e outras mais recentes, contudo, mais problemáticas, como a Invasão Parque Saburo Onoyama, que surgiu no início de 1994.

A população que vive nas áreas irregulares é flutuante, ou seja, a cada ano, famílias vêm e vão da cidade. Mas nas 17 ocupações podem ser contabilizados cerca de 546 barracos que abrigam uma média de 2.192 pessoas. Entre adultos, velhos e crianças, a grande maioria.

## SEM LOTE

Nessas invasões, as famílias convivem com lixo, falta de estrutura básica — esgotamento, água encanada e energia elétrica — e toda a sorte de

Edson Gêz



A invasão do Parque Saburo Onoyama surgiu em 1994 e coloca em risco a área de preservação ambiental

insetos que causam as doenças. “Isso aqui é muito ruim. Mas o que posso fazer se não tenho para onde ir?”, lamenta Joana Rosa de Souza, 44 anos, há três na Invasão Parque Saburo Onoyama.

Joana veio com a família da cidade de Morro de Chapéu, no interior baiano, há oito anos. Morou em várias chácaras, mas o peso do aluguel levou a ex-lavadora para a invasão. “O meu marido e os meus filhos não conseguiram emprego fixo. Os bicos não davam para pagar o aluguel”, conta.

O marido de Joana, Antônio Dias,

51 anos, é carroceiro. Recolhe papéis, latas e garrafas na rua. E do seu trabalho sai o dinheiro para o sustento da família. “Muito pouco”, diz ele. Tão pouco que tem vergonha de contar. “Tenho fé em Deus que vou sair daqui”, acredita Joana. A família foi cadastrada pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab).

Sentada no velho sofá, puído pelos anos, na sala do minúsculo barraco Antônio Maria dos Santos, 49 anos, fala das esperanças de um dia deixar a invasão onde mora para um lote próprio. Reclama da demo-

ra em conseguir um terreno a e pressão do governo para que saia do local. “Dizem que não podemos ficar porque estamos numa área de preservação ecológica. Então que nos dêem um lote. Se estamos aqui é porque não temos para onde ir”, diz.

A família de Antônio é mantida pelo trabalho da filha mais velha Daniela, 19 anos, grávida de nove meses. Ela é atendente de uma firma impermeabilizadora no Plano Piloto. Já o padastro de Daniela e os irmãos menores fazem bicos para ajudar no magro orçamento.

SEM TETO		
Área	Barracos	População
Parque Saburo Onoyama	228	912
Vila São José (Quadra 26)	54	290
Vila Areal (em frente à QS 6)	61	244
Vila Areal (Invasão Velha)	52	208
Setor SQS	32	128
QSD 24	36	80
Próximo ao Córrego do Reino	19	76
Setor QNC	12	48
EPTC (Vila São José)	12	48
Próximo à BR-070 (fundos da QNG)	9	36
Saída Taguatinga-Brazlândia (próximo da Estrutural)	8	32
EPTC (próximo à quadra de jogos japoneses)	5	24
Fundos da QS 5 (Areal)	5	24
Superbox (lateral e fundos)	10	20
DF-075 (sentido Núcleo Bandeirante-Riacho Fundo)	2	4
Oficinas Taguatinga (próximo da BR-070)	1	4
BR-070 (sentido Taguatinga-Ceilândia)	1	4

## COMÉRCIO

Nas invasões como a do Parque Saburo Onoyama há um intenso comércio, formado basicamente por pequenas quitandas e mercearias que vendem produtos para casa, alimentos — fubá, flocos de milho, farinha — e pinga. Para saciar a sede do caboclo trabalhador ou do pobre coitado que, em plena manhã de terça-feira, toma uns goles da *branquinha*. “Só não vendo pinga”, afirma o comerciante Luiz Marques Rosa, 26 anos. “Atrai maus elementos para a invasão”, diz.

Luiz sonha em montar uma

padaria. “O meu objetivo é conseguir um área para trabalhar. Aqui não tem condições”, diz o comerciante, que dividiu o barraco onde mora com a mulher, o pai e um irmão para montar a Quitanda do Luiz.

Nascido em Estrela do Norte (GO) e morando há oito anos em Brasília em lugares incertos, Luiz não perde a esperança de conseguir o seu canto. “Não é fácil morar em favela”, diz. “Mas se Deus é por nós, quem será contra nós?”, escreveu em letras tortas na frente da quitanda.